

João Calvino: O Humanista Subordinado ao Deus da Palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento –

*Hermisten Maia Pereira da Costa**

“Revolução é seguida por reconstrução e consolidação. Para esta tarefa Calvino foi providencialmente preordenado e equipado por gênio, educação e circunstâncias.” – Philip Schaff.¹

INTRODUÇÃO

Em 28 de abril de 1564, Calvino convocou os ministros de Genebra à sua casa; tendo-os à sua volta, despediu-se.² A certa altura, disse:

A respeito de minha doutrina, ensinei fielmente e Deus me deu a graça de escrever. Fiz isso do modo mais fiel possível e nunca corrompi uma só passagem das Escrituras, nem conscientemente as distorci. Quando fui tentado a requintes, resisti à tentação e sempre estudei a simplicidade. Nunca escrevi nada com ódio de alguém, mas sempre coloquei fielmente diante de mim o que julguei ser a glória de Deus.³

Cerca de 300 anos depois, um erudito católico francês, Ernest Renan (1823-1892),⁴ como um dos primeiros historiadores da França, revelou a sua incompreensão diante da figura inquietante daquele personagem distante no tempo e nas idéias, mas que continuava vivo em seu país e em quase todo o mundo ocidental. Assim expressou ele a sua perplexidade em seus *Estudos da História das Religiões*:

Era Calvino um daqueles homens absolutos que parecem ter sido vazados de um só jato num molde, e que se estudam por meio de um simples olhar. Uma carta, um gesto é bastante para se formar deles um juízo... Não dava importância a riquezas, nem a títulos, nem a honras; indiferente às pompas, modesto no viver, aparentemente humilde, tudo sacrificava ao desejo de tornar os outros iguais a si. Excetuando Inácio de Loiola, não conheço outro homem que pudesse rivalizar com ele nestes raros predicados. É surpreendente como um homem cuja vida e cujos escritos atraem tão pouco as nossas simpatias se tornasse o centro de um tão grande movimento e que suas palavras tão ásperas, sua elocução tão severa, pudessem ter uma tão espantosa influência sobre os espíritos de seus contemporâneos. Como se pode explicar, por exemplo, que uma das mulheres mais distintas de seu tempo, Renata de França, que, no seu palácio de Ferrara, se via cercada dos mais brilhantes talentos da Europa, se deixasse cativar por aquele severo doutrinador, enveredando, por sua influência, numa senda que tão espinhosa lhe deveria ter sido? Semelhantes vitórias só podem ser alcançadas por aqueles que trabalham com sincera convicção. Sem manifestar aquele ardente desejo de procurar o bem dos outros que foi o que assegurou a Lutero o bom êxito de seus trabalhos, sem possuir o encanto, a perigosa, posto que lânguida doçura de S. Francisco de Sales, Calvino saiu vitorioso, numa época e num país em que tudo anunciava uma reação contra o cristianismo, e isso simplesmente por ser o maior cristão do seu século.⁵

Começemos do início.⁶ João Calvino nasceu em 10 de julho de 1509 em Noyon, na Picardia,⁷ sendo possivelmente o segundo filho de uma família de cinco irmãos.⁸ Seu pai,

Gérard Cauvin, era de origem humilde; sua mãe, Jeanne Lefranc, uma senhora piedosa, proveniente de família abastada, morreu quando Calvino tinha uns 5 ou 6 anos. Como Gérard era secretário apostólico de Charles de Hangest, o bispo de Noyon (1501-1525), e procurador fiscal do município, a sua família mantinha íntimas relações com as famílias nobres de sua região, sendo ele próprio um ambicioso visionário que procurou encaminhar a educação de seus filhos da melhor maneira possível usando dos meios e recursos de que dispunha. Calvino ainda criança (maio de 1521) recebeu um benefício eclesiástico na catedral, que ajudaria a custear as despesas de sua educação, então um privilégio não raro.⁹

No entanto, Calvino recebeu a sua primeira educação juntamente com as crianças da nobre família de Hangest. Foi ali que Calvino adquiriu a educação e os modos refinados próprios da nobreza que lhe permitiram posteriormente transitar com desenvoltura em todos os meios sociais. Entre os seus amigos de infância, destacou-se um dos filhos de Adrien, Lorde de Genlis, Claude de Hangest (Montmor), que se tornaria abade de St. Eloi em Noyon.¹⁰ Além de professores particulares, Calvino estudou na mesma escola dos filhos dos nobres de sua cidade, o Colégio dos Capetos.

Em 1523, Calvino, acompanhado de alguns amigos, filhos de famílias aristocráticas de sua terra natal, foi para Paris, onde recebeu seu treinamento para o sacerdócio, estudando por alguns meses no Collège de la Marche (humanidades e latim), onde teve como mestre o grande humanista Mathurin Cordier. No ano seguinte, foi para uma escola menos requintada em seus costumes, mais dura em sua disciplina e de orientação escolástica, o Collège de Montaigu – por onde também passaram Erasmo de Roterdã e Rabelais –, e ali estudou gramática, filosofia e teologia, estando sob a direção de um mestre espanhol grandemente competente.¹¹ Aqui dá-se algo curioso:

Em fevereiro de 1528, Inácio de Loiola, o fundador da ordem dos jesuítas, entrou na mesma faculdade e estudou sob o mesmo professor. Os líderes das duas correntes opostas do movimento religioso do século XVI viveram muito próximos, debaixo do mesmo telhado e sentando-se à mesma mesa. Calvino já durante este período mostrou as características proeminentes do seu caráter: ele era consciencioso, estudioso, silencioso, reservado, animado por um estrito senso de dever e sumamente religioso.¹²

Nesse mesmo ano (1528) — concluído o seu curso de Artes —, deu-se algo inusitado. Devido a uma disputa de seu pai com os clérigos de Noyon — assunto ainda não esclarecido satisfatoriamente —, ele resolveu enviar seu filho para a conceituada e concorrida universidade de Orléans, onde se dedicaria ao estudo do direito, sob a influência do conceituado jurista Pierre l'Étoile, cognominado de "rei da jurisprudência"¹³ e "príncipe dos juristas."¹⁴ Ali Calvino tornou-se Bacharel em Direito ("licencié en lois") em 14-02-1532. Como Calvino resolveu deixar a universidade antes de completar os seus estudos, a academia — em reconhecimento por seus serviços —, resolveu por voto unânime de seus professores conferir-lhe o grau de Doutor em Direito, sem cobrar-lhe as taxas habituais; no entanto, não há consenso se Calvino aceitou o título.¹⁵ Ele foi então para Bourges, certamente atraído pelo famoso humanista e mestre de direito, o italiano Andrea Alciati, "um jurista de primeira linha, teórico da soberania do príncipe."¹⁶ Na já famosa universidade local, fundada em 1463 por Luís XI, estudaria com Alciati e com o erudito luterano Melchior Wolmar, a quem conhecera em Orléans.

O próprio Calvino resumiria assim a sua adolescência e juventude:

Quando era ainda bem pequeno, meu pai me destinou aos estudos de teologia. Mais

tarde, porém, ao ponderar que a profissão jurídica comumente promovia aqueles que saíam em busca de riquezas, tal prospecto o induziu a subitamente mudar seu propósito. E assim aconteceu de eu ser afastado do estudo de filosofia e encaminhado aos estudos da jurisprudência. A essa atividade me diligenciei a aplicar-me com toda fidelidade, em obediência a meu pai; mas Deus, pela secreta providência, finalmente deu uma direção diferente ao meu curso.¹⁷

Quanto à sua capelania, Calvino recebeu outro encargo, o curato de Saint-Martin de Martheville, em setembro de 1527. Em 30 de abril de 1529, Calvino resignou a capelania de La Gesine em favor do seu irmão mais jovem, Antoine, e, em 5 de julho de 1529, trocou o cargo de San Martin pelo da aldeia de Pont-l'Evèque, local de nascimento de seu pai. Com a morte do pai, em 25 ou 26 de maio de 1531, Calvino retornou a Paris para continuar seus estudos literários e, durante certo período, voltou a Orléans para concluir o seu curso de Direito.

Quando um de seus amigos, Nicolás Cop, foi eleito reitor da Universidade de Paris, Calvino o ajudou a preparar o seu discurso de posse, que foi lido como de costume no dia 1º de novembro de 1533, no qual propunha uma reforma na Igreja. A reação foi imediata e Cop e Calvino tiveram de fugir de Paris. Cop voltou à sua terra natal, Basiléia, e Calvino foi para outras cidades francesas. Em 1534, Calvino completaria 25 anos, idade legal para ser ordenado; agora era o momento de assumir de fato a sua fé e ofício. Assim, em 4 de maio de 1534, voltou a Noyon e renunciou aos seus benefícios eclesiásticos. As perseguições intensificaram-se na França.¹⁸ Novamente ele iniciou as suas peregrinações: Paris, Angoulême, Poitiers; também passaria algum tempo na Itália, Estrasburgo e Basiléia (1535). Como fica evidente, nesse ínterim Calvino havia sido convertido ao protestantismo. A questão é: como e quando?

I. A CONVERSÃO DE CALVINO

Não nos é possível precisar as circunstâncias e data da "conversão súbita" de Calvino. Contudo as evidências apontam para um período entre 1532 e 1534; portanto, em Orléans ou Paris. Também devemos estar atentos para o fato de que a vida de Calvino, mesmo antes da sua conversão, não fora marcada por um comportamento dissoluto e imoral, já tão comum entre os jovens de seu tempo. Antes, a sua conversão, como observa Schaff, "foi uma transição do romanismo para o protestantismo, da superstição papal para a fé evangélica, do tradicionalismo escolástico para a simplicidade bíblica."¹⁹

Acredita-se que o seu primo Olivétan — ainda que não isoladamente²⁰ —, teve uma participação importante na sua conversão ao protestantismo.²¹ Félice chega a afirmar que "...a Bíblia que recebeu das mãos de um de seus parentes, Pedro Roberto Olivétan, o arrebatou do catolicismo..."²² Lembremo-nos de que Calvino não era muito pródigo ao falar da sua vida. No que se refere à sua conversão, diz ele em 1539:

Contrariado com a novidade, eu ouvia com muita má vontade e, no início, confesso, resisti com energia e irritação; porque (tal é a firmeza ou descaramento com os quais é natural aos homens resistir no caminho que outrora tomaram) foi com a maior dificuldade que fui induzido a confessar que, por toda minha vida, eu estivera na ignorância e no erro.²³

Na introdução do seu comentário de Salmos (1557), ele afirma:

Inicialmente, visto eu me achar tão obstinadamente devotado às superstições do papado,

para que pudesse desvencilhar-me com facilidade de tão profundo abismo de lama, Deus por um ato súbito de conversão, subjuguou e trouxe minha mente a uma disposição suscetível, a qual era mais empedernida em tais matérias do que se poderia esperar de mim naquele primeiro período de minha vida.²⁴

Também na carta ao Cardeal Sadoletto (01-09-1539), Calvino descreve as suas angústias espirituais no romanismo, resultantes do que a igreja pregava.²⁵ No entanto, em nenhum momento ele menciona o instrumento humano usado por Deus.

A *Bíblia Francesa* (1535), traduzida por Pierre Robert — apelidado de “Olivetanus,” daí, Olivétan (c.1506-1540)²⁶ —, o primo de Calvino, foi a primeira tradução protestante francesa das Escrituras,²⁷ feita a pedido e às expensas dos valdenses, que gastaram na impressão 1.500 escudos.²⁸ A tradução, feita diretamente dos originais hebraicos e gregos, foi utilizada pela primeira geração de calvinistas franceses na proclamação do Evangelho.²⁹ O Novo Testamento foi publicado em 1534; na segunda edição, em 1535, veio acompanhado do Antigo Testamento. Esta edição (segunda do Novo Testamento e primeira da Bíblia completa), foi revisada e prefaciada por Calvino, sob o título “A todos os que amam a Jesus Cristo e a seu evangelho.” Temos aqui o primeiro testemunho público de Calvino que indica a sua conversão. Posteriormente, Teodoro Beza (1519-1605) fez nova revisão da *Bíblia Francesa*, que continuou sendo revista ocasionalmente nos séculos seguintes.

II. O Humanismo e CALVINO

A. O Sentido do Humanismo

Calvino viveu no período denominado de Renascimento, quando esta palavra — até então empregada apenas no sentido teológico conforme usado nas Escrituras (Tt 3.5) —, adquiriu o sentido de “*reforma*” do homem e do seu mundo, através da renovação de seus poderes e capacidades. O próprio nome “Renascimento” reflete o juízo altamente entusiasta daqueles que assim se autodenominaram.³⁰ O Renascimento é um dos raros momentos da história em que os seus coevos se denominam, determinando a sua época, legando à posteridade a responsabilidade de estudá-la e interpretá-la, mas não de nomeá-la.

Concomitante ao Renascimento, temos o Humanismo que, como movimento histórico, se constitui na consciência da Renascença, esforçando-se por pensar, sentir e sonhar por si só, sem tutelas ou influências externas, aceitando, por conseguinte, os efeitos de seus atos. O Humanismo Renascentista crê que a autonomia da maioria finalmente chegara; terminaram as tutelas, quer da igreja, quer da tradição, quer da escolástica.

Na realidade, o Renascimento e o Humanismo são dois momentos interligados de um único movimento, tendo em comum os seus caracteres principais, tais como a sustentação da dignidade da natureza humana e a livre pesquisa na área científica, sem os limites impostos pela autoridade de Aristóteles (384-322 AC), perpetuada através de sua cristianização via S. Tomás de Aquino (1225-1274).

No século XIV, o vocábulo “humanista” era empregado na Itália, referindo-se aos que se dedicavam ao estudo das Humanidades (“*Studia Humanitatis*”), que correspondia às “*Artes Liberais*” (“*Artes libero dignae*”), isto é, história, poesia, gramática, retórica e

filosofia moral, distinguindo-se deste modo, do "jurista," do "legista," do "canonista" e do "artista."

Posteriormente, a expressão passou a referir-se àqueles que estudavam os clássicos da antigüidade, com a finalidade de formar o estilo humanista de falar, escrever e viver. Na mente de certos humanistas, algumas vezes estava implícita "a contraposição cristã entre letras humanas e divinas, ou seja, a Sagrada Escritura e a teologia."³¹ Todavia, este não era o sentido comum. A idéia predominante era mais de "renovação" do que de "abolição da igreja cristã."³²

Devemos ter em mente que as fronteiras históricas são sempre difíceis de demarcar, sendo de certo modo arbitrárias, visto que as transformações não ocorrem simplesmente por decreto ou por decisão de um líder ou concílio; estes, sem dúvida, são muitas vezes fundamentais para um processo, contudo, não estabelecem o limite. Outro aspecto é que normalmente aquilo que caracteriza um período geralmente ainda subsiste como que um sobrevivente — incômodo para o historiador diga-se de passagem —, no posterior e, por sua vez, os elementos saudados como a grande marca de uma nova fase já viviam, ainda que embrionariamente e tantas vezes anônimos, na anterior. Resumindo: na divisão de águas da história, não podemos atravessar o Mar Vermelho sem nos molhar. Ao banho pois!

O Humanismo teve início na Itália na segunda metade do século XIV,³³ alcançando o seu esplendor nos séculos XV e XVI.³⁴ O Humanismo Renascentista estava convencido da grandeza e capacidade do homem, tendo-o como fim de tudo, e nunca como um simples meio. Vejamos, resumidamente, algumas características da filosofia renascentista:

1. Restauração da Cultura Clássica

O Renascimento estava primariamente interessado na literatura e na eloqüência; a filosofia e a política eram aspectos secundários em seus planos.³⁵ Nesses projetos, o Renascimento desejava libertar-se das "fantasias" medievais — pedagógicas, estilísticas, filosóficas, científicas e religiosas³⁶ —, e para isso, elegeu a Antigüidade Clássica como guia de sua libertação e busca.³⁷ Francesco Petrarca (1304-1374), com o seu entusiasmo pelos clássicos, foi o iniciador desse processo, voltando aos grandes escritores da Antigüidade Clássica, sonhando viver as glórias da civilização greco-romana.

Os Renascentistas cultivavam a admiração pelos clássicos, os quais, segundo eles, alcançaram o ponto alto do conhecimento. Por isso, os pensadores renascentistas procuravam reimplantar uma velha ordem, marcada pelos valores da antigüidade, que se tornara o padrão e a norma. No entanto, essa antigüidade era mais amada do que conhecida; por isso, alguns equívocos e impropriedades foram cometidos nessa restauração.³⁸

Eles rejeitaram o filtro medieval por onde passava a cultura antiga, julgando-se capazes de descobrir o verdadeiro Platão (427-347 AC), o genuíno pensamento de Aristóteles (384-322 AC), de Cícero (106-43 AC), de Quintiliano (c. 30–c.100) e de outros. Daí, a necessidade de um estudo filológico criterioso, buscando sempre o significado autêntico do texto, sem as "distorções" medievais. Nesse período, como bem observou Bréhier

(1876-1952), "é menos importante a descoberta de novos textos do que a maneira pela qual se os lêem (...). Os humanistas, antes de ser pensadores, são filólogos praticantes, ciosos dos métodos que lhes permitam reconstruir as formas e pensamentos dos antigos."³⁹ Fraile dá a mesma ênfase, afirmando que os renascentistas "sentem que com eles começa um modo novo, com outros olhos e com um espírito mui distinto."⁴⁰ Há de fato uma sensibilidade distinta, que altera a sua perspectiva e gosto literário.

Nesse afã, a cultura passou a ser sinônimo de cultura clássica. A cultura grega e latina tornaram-se paradigma e referência. Portanto, sabia mais e era mais respeitado quem tinha lido e assimilado maior número de obras antigas; quem escrevia e falava com maior facilidade e elegância em latim e grego: os humanistas procuravam escrever, pensar e sentir como os antigos gregos e latinos. Deste modo, Platão, Cícero e Quintiliano — que serviu de inspiração para a didática humanista —, foram redescobertos em detrimento de Aristóteles, que passou a ser olhado, na maioria dos círculos humanistas, com desconfiança, por associarem-no ao espírito medieval.

Nesta época, grandes bibliotecas são formadas.⁴¹ Os copistas eram bem remunerados e aqueles que sabiam o grego ocupavam lugar de destaque, recebendo o título de "scrittori."⁴² Em certa ocasião, Cosme de Médici, desejando dotar de uma biblioteca uma abadia um pouco abaixo de Fiesole, aconselhado por Vespasiano, contratou 45 copistas, pagos diariamente, que copiaram duzentos volumes em 22 meses.⁴³

Como reflexo desse espírito desejoso de saber, encontramos os filhos dos nobres lendo desde cedo Cícero e Platão, além do estudo sistemático de grego e latim. O hebraico, que era então ainda mais ignorado, foi também redescoberto.⁴⁴ Surgiram assim as famosas escolas que ensinavam os três idiomas — em Lovaina (1517), Oxford (1517 e 1525) e Paris (1530) —, visando formar o "*homo trilinguis*."⁴⁵ Burckhardt nos informa que

A convivência pessoal, as disputas, o uso constante do latim e, em não poucos casos, também do grego, além, finalmente, das freqüentes mudanças de professores e da raridade dos livros, conferiam aos estudos da época uma configuração que apenas com dificuldade logramos imaginar. Escolas de latim existiam em todas as cidades de algum renome, e, aliás, não apenas enquanto instrução preparatória para os estudos mais avançados, mas porque o conhecimento do latim era tão necessário quanto o aprendizado da leitura, da escrita e do cálculo, sendo, então, seguido do estudo da lógica. Fundamental afigura-se o fato de essas escolas não dependerem da Igreja, mas da administração municipal, algumas delas decerto constituindo empreendimentos privados. Esse sistema escolar, sob a direção de alguns notáveis humanistas, não apenas atingiu uma grande perfeição organizacional, mas tornou-se também o instrumento de uma educação mais elevada.⁴⁶

Devemos ressaltar que essa volta ao passado tinha como móbil principal a inspiração para novas descobertas, o estímulo ao belo pelo belo, ao bem pelo nobre. Todavia, apesar desse admirável desiderato, muitos caíram numa imitação servil dos antigos, máxime de Cícero.⁴⁷ Os governantes, por sua vez, recorriam a uma ostentação ingênua, que julgavam ser comum na antigüidade, coroando celebridades, satisfazendo a sua vaidade, manipulando a vaidade dos poetas e despertando a inveja entre os "intelectuais."⁴⁸

Retornando à nossa rota inicial, podemos observar que, nesse contexto, a impressão de

livros foi de fundamental importância para o humanismo renascentista. A imprensa foi a satisfação de uma necessidade vital. Aliás, como não poderia deixar de ser, a imprensa não teria tanto sucesso se não houvesse um público carente do seu produto e disposto a adquiri-lo.

Dessa forma, após a invenção da imprensa⁴⁹ iniciou-se um processo efetivo de produção de livros para os estudantes,⁵⁰ que rompeu, aos poucos, com o monopólio intelectual do clero e⁵¹ a transmissão oral do saber, que tanto caracterizaram a Idade Média.⁵² “A imprensa foi o fator fundamental para a promoção da democracia na área cultural”⁵³ e “a linha divisória entre as tecnologias medieval e moderna.”⁵⁴ No entanto, deve ser observado que a maioria esmagadora dos livros publicados era de autores antigos, que eram tidos explicita ou veladamente como o modelo do saber.⁵⁵

2. Criação do Novo

Como vimos, a volta renascentista à cultura clássica visava buscar uma fonte de inspiração, visto que, na opinião dos humanistas, isto era impossível de encontrar nos autores medievais. O antigo servia de alimento para o novo espírito vigente, porque, na realidade, este iluminou o antigo com uma nova luz até então ignorada. Assim, instaurou-se uma nova maneira de pensar, que repercutiu em todas as atividades sociais. O Renascimento, na expressão do tomista Pedro Dalle Nogare (1913-1990), foi o “Pentecostes da Civilização Ocidental.”⁵⁶ A Renascença assinala a concorrência gigantesca de gênios que despontaram em todas as áreas do saber, trazendo contribuições fundamentais para o ingresso do homem na Idade Moderna.

Francis Bacon (1561-1626), bem ao seu estilo otimista, escreveria:

Seguramente, quando considero a condição destes tempos, em que a erudição faz a sua terceira visita, não posso deixar de me persuadir de que este terceiro período de tempo ultrapassará de longe o da erudição grega e romana – desde que os homens tomem conhecimento da sua força e da sua fraqueza, e extraíam de ambas a luz da invenção, e não o fogo da contradição.⁵⁷

3. Síntese do Cristianismo com a Cultura Clássica

Nesse período, passou a haver uma compreensão predominante de que existia uma identidade quase essencial entre a filosofia e a religião e, nesse sentido, o “Verbo Encarnado” dos evangelhos seria a mesma razão (Logos) que governa o pensamento dos filósofos gregos, principalmente a filosofia de Heráclito (c. 540-c. 480 AC).⁵⁸ Surge daí um neoplatonismo mal definido. “Encontra o pensamento moderno uma paternidade ideológica no neoplatonismo, único grande sistema monista da antigüidade.”⁵⁹ Há então, uma compreensão de que é possível estabelecer uma harmonia entre a filosofia e a teologia dos Pais da Igreja, especialmente Agostinho (354-430). Na realidade, não existe contradição entre eles.⁶⁰

Essa síntese encontrou um ambiente propício nas academias dos humanistas — onde o Humanismo se desenvolveu mais efetivamente —, as quais, em muitos casos, se contrapunham às universidades, ainda ligadas às formas tradicionais da cultura, permeadas pelo sistema tomista.⁶¹ As principais academias foram as de Florença, Nápoles — que, fundada no final do século XV, sobreviveu somente até 1543 — e Roma. A Itália foi, de modo especial, o berço das academias, influenciando posteriormente toda a

Europa e as colônias americanas.⁶²

Lembre-mo-nos de que na Idade Média os educadores eram padres, monges e frades; na Renascença, vai se formando gradativamente uma “República Culta.” Com a aproximação de pessoas instruídas, sem vinculação nacional, social ou religiosa, pouco a pouco o ensino vai se laicizando. Com essa mudança de perspectiva educacional, a figura do professor sobe na escala social, sendo altamente venerada. Os mestres mais conceituados passaram a ter altas honrarias e prestígio, sendo inclusive disputados pelas escolas e universidades.⁶³

Marcílio Ficino (1433-1499), a “alma da academia florentina,”⁶⁴ desejando encontrar uma síntese no platonismo (ou neoplatonismo) que favorecesse o cristianismo, ensinava a associação do cristianismo com o platonismo, dizendo que

Deus criara o universo como um todo harmonioso, tanto quanto possível parecido com o seu autor. É somente em Deus que pode o homem encontrar a felicidade perfeita. O homem pode atingir a Deus penetrando o mundo das idéias emprestadas de Platão onde se situa o pensamento divino, pelo amor da beleza, espelho da beleza universal de Deus. O homem pode, enfim, assemelhar-se a Deus, pois se Deus o desejar, o homem, por sua vez, pode criar. Deus expressa-se inspirando engenheiros, artistas e poetas.⁶⁵

4. A Valorização do Homem

No quinto século antes de Cristo, o filósofo sofista grego Protágoras (c. 480-410 AC) declarou: “O homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são, e das que não são enquanto não são.”⁶⁶ A Renascença se caracteriza pela tentativa de vivenciar esse conceito. Neste período houve uma “virada antropológica.” Deus cedeu lugar ao homem, deixando de ser o centro das atenções; o “homem virtuoso” passou a ocupar o trono da história. “O homem, pelo homem, para o homem” — este é, de certa forma, o lema implícito do humanismo renascentista. Esse “antropocentrismo refletido” se retrata no homem renascentista, profundamente otimista no que se refere à sua capacidade. Ele se julga em plenas condições de planejar o seu próprio futuro, a sua existência individual, e aproximar-se da perfeição; tudo está em suas mãos, nada lhe escapa. Marcílio Ficino (1433-1499), a quem já nos referimos, considerava o homem como uma “síntese de todas as maravilhas do universo,” ou, em outra expressão sua, “copula mundi” (“nexo do mundo”). O homem passou a ser considerado como o centro do mundo, a imagem completa de todas as coisas, o livro da natureza.⁶⁷

Assim, o homem não deve ficar olhando para as alturas, mas para dentro de si mesmo. Há uma mudança de ótica e perspectiva,⁶⁸ e conseqüentemente de valores. Desse modo, a metafísica é substituída pela introspeção, os olhares baixam do céu para o homem em sua concretude e beleza. Essa mudança refletiu-se em todas as áreas do conhecimento humano; o homem tornou-se o tema geral e central do saber. O corpo humano passou a ser reproduzido em telas; alguns artistas — visando conhecer mais exatamente os órgãos do corpo humano, para poder retratá-los melhor em suas obras —, praticaram a dissecação de cadáveres. No campo educacional, surgem grandes mestres preocupados com a formação do homem; originam-se daí obras sobre o comportamento humano. “A escritura de tratados acerca da educação dos príncipes, outrora tarefa dos teólogos, agora passa também a ser, naturalmente, assunto dos humanistas.”⁶⁹ Não é sem razão que Delumeau afirma que o Renascimento “foi também a descoberta da criança, da família, no sentido estrito da palavra, do casamento e da esposa. A civilização ocidental fez-se então menos antifeminista, menos hostil ao amor no lar, mais sensível à

fragilidade e à delicadeza da criança.”⁷⁰

Por sua vez, o prazer “carnal” passa a ser apreciado em detrimento do propagado “ascetismo” medieval: “O Renascimento foi, sem dúvida, sensual...”⁷¹ Enfim, o homem é o tema e o senhor da história; já não espera favores divinos; antes, pelo contrário, emprega seu talento pessoal para conseguir realizar os seus desejos; já não é mero espectador passivo do universo, mas seu agente, lutando para o modificar, melhorar e recriar. O humanismo renascentista é eminentemente ativista.

Este otimismo não era gratuito; ele estava acompanhado pela nova forma de ler, entender e criticar a literatura e a arte antigas; as línguas da Europa tornam-se aos poucos no grande veículo de comunicação das idéias; a imprensa floresce; a navegação conhece seu sucesso através das descobertas de novos continentes; Copérnico (1473-1543)⁷² e Galileu Galilei (1564-1642) revolucionam a astronomia com uma nova compreensão do sistema solar,⁷³ enfim, tudo aponta para a capacidade do homem em seus avanços vitoriosos. Aparentemente, para este não há limites; ele é o centro de todas as coisas.

Creio que Francis A. Schaeffer (1912-1984) resume bem o antropocentrismo do humanismo, dizendo que o “Humanismo é a colocação do homem como centro de todas as coisas, fazendo-o a medida de todas as coisas.”⁷⁴ Berdiaeff (1874-1948), propondo uma “Nova Idade Média,” declara de forma patética que o humanismo não alcançou o que desejava; por isso, a situação do homem moderno é a pior de todas. Ele observa:

A história moderna é uma empreitada que não resultou bem, que não glorificou o homem, como o fizera esperar. As promessas do humanismo não foram cumpridas. O homem experimenta uma fadiga imensa e está pronto a apoiar-se sobre qualquer gênero que seja de coletivismo, em que definitivamente desaparecesse a individualidade humana. O homem não pode suportar seu abandono, sua solidão.⁷⁵

De fato, a centralização do homem, a busca de sua essência como fim último de todas as coisas, não poderia nem pode gerar valores permanentes. Ainda hoje, curiosamente, somos muitas vezes levados a pensar no homem “como a medida de todas as coisas,” como se a solução de todos os seus problemas estivesse simplesmente na capacidade de olhar para dentro de si. Ora, não estamos dizendo que a reflexão e a auto-análise não sejam relevantes; antes, o que estamos propondo é que a essência do homem não pode ser simplesmente determinada em si e por si; é preciso uma dimensão verdadeiramente teológica, para que possamos entender melhor o que somos. A genuína antropologia deve ser sempre e incondicionalmente teocêntrica!⁷⁶

B. Calvino, Humanista?

Podemos dizer no sentido mais pleno da palavra que Calvino era um genuíno humanista, estando profundamente interessado pelo ser humano. Ainda que de passagem, examinemos alguns pontos que ilustram a nossa tese.

A primeira obra escrita por Calvino⁷⁷ foi publicada com seus próprios recursos: a edição comentada do livro de Sêneca *De Clementia* (4 de abril de 1532). “O principal monumento dos conhecimentos humanísticos do jovem Calvino,” diz McNeill;⁷⁸ “sólido trabalho de um humanista muito jovem e já brilhante,” comenta Boisset;⁷⁹ um “erudito

de primeira linha," acrescenta Parker.⁸⁰ Nesse trabalho — do qual uma cópia foi enviada a Erasmo —, o então jovem autor, com 23 anos, já revelava o seu gosto literário, erudição,⁸¹ amplo conhecimento da literatura grega e romana, uma perspectiva sóbria e um estilo próprio de análise que se tornaria uma das marcas de seus comentários bíblicos. Já nesse trabalho pioneiro, Calvino parece desafiar o soberano, quando define o tirano como aquele que "governa contra a vontade de seu povo,"⁸² revelando, ainda que embrionariamente, a sua ousadia, que tão bem caracterizará a sua vida como pregador, escritor e administrador.

O "humanismo" de Calvino é visível em sua formação, escritos e atitudes. Ele apoiou o humanista Guillaume Budé (1467-1540), que era chamado de "Prodígio da França," e, juntamente com Erasmo (c.1469-1536) e Juan Luis Vives (1492-1540), constituiu o "triumvirato do humanismo europeu."⁸³ Budé contribuiu para o reavivamento do interesse pela língua e literatura gregas e colaborou na introdução do humanismo na França.

Calvino dedicou o seu *Comentário da Primeira Epístola aos Tessalonicenses* (Genebra, 17-02-1550) ao seu mestre de gramática e retórica, o conhecido humanista Mathurin Cordier (1479-1564) — que foi fundamental na formação do estilo do reformador —, a quem Calvino chama de "homem de eminente piedade e erudição,"⁸⁴ reconhecendo a sua dívida para com ele.⁸⁵ Posteriormente, com a conversão de Cordier ao protestantismo, Calvino convidou-o para lecionar na Academia de Genebra, o que Cordier aceitou, sendo inclusive durante algum tempo diretor daquela instituição, ali permanecendo até a sua morte, em 1564, quatro meses depois de Calvino.⁸⁶

O seu *Comentário de 2 Coríntios* (01-08-1546) foi dedicado a outro humanista de influência luterana, que lhe ministrara aulas de grego (e também a Beza), Melchior Wolmar (†1561), que possivelmente pode ter despertado em seus alunos o interesse pela Reforma.⁸⁷ Calvino diz que Wolmar era "o mais distinguido dos mestres [de grego]."⁸⁸

No entanto, o humanismo de Calvino não deve ser confundido com o "humanismo secular," que colocava o homem como centro de todas as coisas. Calvino rejeitava este tipo de "humanismo." Na sua obra magna, *A Instituição da Religião Cristã*, Calvino expressa a sua concepção "humanista," que consiste em reconhecer a grandeza do homem como criatura de Deus, a quem deve adorar e glorificar. Na sua carta ao Rei Francisco I de França, a quem dedica a primeira edição de sua obra, Calvino escreve:

Pois o que melhor se coaduna com a fé, e mais convenientemente, do que reconhecer-nos despidos de toda virtude, para que sejamos vestidos por Deus; vazios de todo bem, para que sejamos por ele plenificados; escravos do pecado, para que sejamos por ele libertados; cegos, para que sejamos dele iluminados; coxos, para que sejamos dele restaurados; fracos, para que sejamos por ele sustentados; despojar-nos de todo motivo de glória própria, para que só ele glorioso avulte e nele nos gloriemos?... Como, porém, nada devemos presumir de nós próprios, assim tudo se deve de Deus presumir. Nem por outra razão nos despojamos de vã glória, senão para que aprendamos a gloriar-nos no Senhor.⁸⁹

Em outro lugar, Calvino declara: "... É notório que jamais chega o homem ao puro conhecimento de si mesmo até que haja antes contemplado a face de Deus e da visão dele desça para examinar-se a si próprio."⁹⁰ Como a Bíblia é o registro inerrante da Palavra de Deus, podemos dizer que sem as Escrituras jamais teremos um conhecimento

verdadeiro de nós mesmos, do mundo e do próprio Deus.

Calvino tinha uma visão ampla da cultura, entendendo que Deus é Senhor de todas as coisas; por isso, toda verdade é verdade de Deus. Esta perspectiva amparava-se no conceito da “graça comum” de Deus sobre todos os homens.⁹¹ O reformador afirma: “... visto que toda verdade procede de Deus, se algum ímpio disser algo verdadeiro, não devemos rejeitá-lo, porquanto o mesmo procede de Deus. Além disso, visto que todas as coisas procedem de Deus, que mal haveria em empregar, para sua glória, tudo quanto pode ser corretamente usado dessa forma?”⁹² Em outro lugar, ele pondera: “Se reputamos ser o Espírito de Deus a fonte única da verdade mesma, onde quer que ela haja de aparecer, nem a rejeitaremos, nem a desprezaremos, a menos que queiramos ser insultuosos para com o Espírito de Deus.”⁹³

Essa imparcialidade era comum em Calvino. Analisando a divergência entre os zuinglianos e os luteranos quanto à Ceia do Senhor, ele comentou: “Uns e outros erraram em não ter paciência para escutar-se a fim de seguir a verdade sem parcialidade, onde quer que se encontrasse.”⁹⁴

Essa compreensão tinha implicações em outras áreas. Por exemplo, Calvino entende que a divergência em questões secundárias não deve servir de pretexto para a divisão da Igreja; afinal, todos, sem exceção, estão envolvidos por “alguma nuvenzinha de ignorância.”

...São palavras do Apóstolo: “Todos quantos somos perfeitos sintamos o mesmo; se algo entendeis de maneira diferente, também isto vos haverá de revelar o Senhor” [Fp 3.15]. Não está ele, porventura, a suficientemente indicar que o dissentimento acerca destas cousas não assim necessárias não deve ser matéria de separação entre cristãos? Por certo que estará em primeira plana que em todas as cousas estejamos de acordo; mas, uma vez que ninguém há que não esteja envolto de alguma nuvenzinha de ignorância, impõe-se que ou nenhuma igreja deixemos, ou perdoemos o engano nessas cousas que possam ser ignoradas, não somente inviolada a suma da religião, mas também aquém da perda da salvação. Mas, aqui, não quereria eu patrocinar a erros, sequer os mais diminutos, de sorte que julgue devam ser fomentados, com agir com complacência e ser-lhes conivente. Digo, porém, que não devemos por causa de quaisquer pequenos dissentimentos abandonar irrefletidamente a Igreja, em que somente se retenha salva e ilibada essa doutrina, mercê da qual se mantém firme a incolumidade da piedade e conservado é o uso dos sacramentos instituído pelo Senhor.”⁹⁵

Todavia, ainda quando a Igreja seja remissa em seu dever, nem por isso será direito de cada um em particular assumir para si pessoalmente a decisão de separar-se.⁹⁶ Após argumentar contra aqueles que chamavam os reformados de hereges, Calvino ressalta que a unidade cristã deve fundamentar-se na Palavra de Deus:

Com efeito, também isto é de notar-se: que esta conjunção de amor assim depende da unidade de fé que lhe deva ser esta o início, o fim, a regra única, afinal. Lembremo-nos, portanto, quantas vezes se nos recomenda a unidade eclesiástica, isto ser requerido: que, enquanto nossas mentes têm o mesmo sentir em Cristo, também entre si conjungidas nos hajam sido as vontades em mútua benevolência em Cristo. E, assim, Paulo, quando para com ela nos exorta, por fundamento assume haver um só Deus, uma só fé e um só batismo [Ef 4.5]. De fato, onde quer que nos ensina o Apóstolo a sentir o

mesmo e a querer o mesmo, acrescenta imediatamente: *em Cristo* [Fp 2.1,5] ou: *segundo Cristo* [Rm 15.5], significando ser conluio de ímpios, não acordo de fiéis, a unidade que se processa à parte da Palavra do Senhor.⁹⁷

Portanto, mesmo desejando a paz e a concórdia, Calvino entendia que essa paz nunca poderia ser alcançada em detrimento da verdade pois, se assim fosse, tal paz seria maldita:

Naturalmente, há uma condição para entendermos a natureza desta paz, ou seja, a paz da qual a verdade de Deus é o vínculo. Pois se temos de lutar contra os ensinamentos da impiedade, mesmo se for necessário mover céu e terra, devemos, não obstante, perseverar na luta. Devemos, certamente, fazer que a nossa preocupação primária cuide para que a verdade de Deus seja mantida em qualquer controvérsia; porém, se os incrédulos resistirem, devemos terçar armas contra eles, e não devemos temer sermos responsabilizados pelos distúrbios. Pois a paz, da qual a rebelião contra Deus é o emblema, é algo maldito; enquanto que as lutas, indispensáveis à defesa do reino de Cristo, são benditas.⁹⁸

Em 20 de março de 1552, Thomas Cranmer (1489-1556)⁹⁹ escreveu a Calvino — bem como a Melanchthon (1479-1560)¹⁰⁰ e a Bullinger (1504-1575)¹⁰¹ —, convidando-o para uma reunião no Palácio de Lambeth com o objetivo de preparar um credo que fosse consensual para as Igrejas Reformadas.¹⁰² Cranmer também tinha em vista a realização do Concílio de Trento,¹⁰³ que estava em andamento, estando preocupado de modo especial com a questão da Ceia do Senhor.

Calvino respondeu em abril de 1552, encorajando a Cranmer no seu objetivo. A certa altura, afirmou: "...Estando os membros da Igreja divididos, o corpo sangra. Isso me preocupa tanto que, se pudesse fazer algo, eu não me recusaria a cruzar até dez mares, se necessário fosse, por essa causa."¹⁰⁴

Retornemos ao nosso ponto inicial. Robert D. Knudsen, tratando da visão "humanística" de Calvino, declara:

É um erro supor que o duradouro interesse de Calvino pelos estudos humanísticos e pelo desenvolvimento cultural do homem fosse um simples remanescente do tempo que precedeu sua conversão à fé evangélica. Sua preocupação para com os estudos humanísticos e para com aquilo que diz respeito ao que é humano está muito inseparavelmente ligada ao seu modo global de pensar, para permitir uma tal interpretação. De fato num sentido que precisa ser bem definido e cuidadosamente preservado de má compreensão, Calvino pode ser chamado de "humanista." Através de toda a sua vida, ele teve um profundo compromisso para com aquilo que é humano... Calvino ataca aqueles humanistas que fazem a apoteose do ser humano e pensam que a realização daquilo que é humano pode ser alcançada somente na presumida independência de Deus e de sua revelação. Ele mesmo como um humanista, rejeitou aquilo que era o coração da idéia de personalidade do Renascimento, a idéia de que o homem é a fonte criadora de seus próprios valores e, portanto, no fundo, incapaz de pecar.¹⁰⁵

Para Calvino, tornou-se possível relacionar a idéia de humanidade à antítese religiosa retratada na Escritura. O caminho foi aberto pela idéia de que o homem se torna humano em sua relação com Deus. O homem, em si mesmo, é verdadeiramente homem quando responde àquilo que constitui o modo de ser de sua natureza, àquilo para o que foi criado

(...). A autonomia humana pecaminosa, longe de ser o caminho para a auto-realização humana, é, em si mesma, uma distorção daquilo que é humano.¹⁰⁶

Calvino, comentando o desejo humano de lisonjas, acrescenta que, quando o homem se detém em si mesmo, não prosseguindo em suas investigações, permanece absorto na sua ignorância.

...Nada há que a natureza humana mais cobice que ser afagada de lisonjas. E, por isso, onde ouve seus predicados revestir-se de grande realce, para esse rumo propende com demasiada credulidade. Portanto, não é de admirar que, neste ponto, se haja transviado, de maneira profundamente danosa, a maioria esmagadora dos homens. Ora, uma vez que é ingênito a todos os mortais mais do que cego amor de si mesmos, de muito bom grado se persuadem de que nada neles existe que, com justiça, deva ser abominado. Destarte, mesmo sem influência de fora, por toda parte obtém crédito esta opinião de todo vã: que o homem é a si amplamente suficiente para viver bem e venturosamente (...). Daí, porque tem sido, destarte, acolhido com o grande aplauso de quase todos os séculos cada um que, com seu encômio, haja mui favoravelmente exaltado a excelência da natureza humana (...). Portanto, se alguém dá ouvidos a tais mestres que nos detêm em somente mirarmos nossas boas qualidades, não avançará no conhecimento de si próprio, ao contrário, precipitar-se-á na mais ruinosa ignorância.¹⁰⁷

Em epítome, podemos dizer que o "humanismo" de Calvino era um "humanismo cristocêntrico," caracterizando-se pela compreensão de que o homem encontra a sua verdadeira essência no conhecimento de Deus.¹⁰⁸ Conhecer a Deus significa ter uma perspectiva clara de si mesmo. A recíproca também é verdadeira: não há conhecimento genuíno de Deus sem um conhecimento correto de si mesmo. Todavia, o conhecimento de Deus está associado à verdadeira piedade, que Calvino define como "reverência associada com amor de Deus que o conhecimento de seus benefícios nos faculta."¹⁰⁹ Ele então pergunta: "Que ajuda, afinal, conhecer a um Deus com quem nada tenhamos a ver?"¹¹⁰ A sua resposta é simples: o conhecimento de Deus deve valer-nos, "primeiro, que nos induza ao temor e à reverência; em segundo lugar, tendo-o por guia e mestre, que aprendamos a dele buscar todo bem e, em recebendo-o, a ele creditá-lo."¹¹¹ Isto, porque o conhecimento de Deus não tem um fim em si mesmo: "O conhecimento de Deus não está posto em fria especulação, mas lhe traz consigo o culto."¹¹² Portanto, se o conhecimento de Deus nos conduz ao culto, não podemos adorar e servir a um Deus desconhecido: "A menos que haja conhecimento, não é a Deus a quem adoramos, mas um fantasma ou ídolo. Todas as boas intenções, como são chamadas, são golpeadas por esta sentença, como por um raio; disto nós aprendemos que, os homens nada podem fazer senão errar, quando são guiados pela sua própria opinião sem a palavra ou mandamento de Deus."¹¹³ À frente continua: "se nós desejamos que nossa religião seja aprovada por Deus, ela tem que descansar no conhecimento obtido de sua Palavra."¹¹⁴

O conhecimento verdadeiro do verdadeiro Deus tem também um sentido profilático; inibe o pecado: "Refreia-se do pecado não pelo só temor do castigo, mas porque ama e reverencia a Deus como Pai, honra-o e cultua-o como Senhor e, mesmo que infernos nenhuns houvesse, ainda assim lhe treme a só ofensa."¹¹⁵ E também traz, como implicação necessária, a piedade e a santificação: "...deve observar-se que somos convidados ao conhecimento de Deus, não àquele que, contente com vã especulação, simplesmente voluteia no cérebro, mas àquele que, se é de nós retamente percebido e finca pé no coração, haverá de ser sólido e frutuoso."¹¹⁶ Em outro lugar, acrescenta: "...Jamais o poderá alguém conhecer devidamente que não apreenda ao mesmo tempo a

santificação do Espírito. (...) A fé consiste no conhecimento de Cristo. E Cristo não pode ser conhecido senão em conjunção com a santificação do seu Espírito. Segue-se, conseqüentemente, que de modo nenhum a fé se deve separar do afeto piedoso.¹¹⁷

A dignidade do homem está em ter sido criado "à imagem e semelhança de Deus,¹¹⁸ podendo, portanto, relacionar-se com o seu Criador. O conhecimento de Deus deve nos conduzir ao temor e à reverência, tendo a Deus como guia e mestre, buscando nele todo o bem.¹¹⁹

Fiel ao seu princípio de que "as escolas teológicas [são] berçários de pastores,¹²⁰ Calvino criou uma academia em Genebra (05-06-1559)¹²¹ — com 600 alunos, aumentando já no primeiro ano para 900¹²² —, à qual coube a educação dos protestantes de língua francesa, atingindo em sua maioria alunos estrangeiros vindos da França, Holanda, Inglaterra, Alemanha, Itália e de outras cidades da Suíça.¹²³ Além disso, Genebra tornou-se um grande centro missionário, uma verdadeira "escola de missões," porque os foragidos que lá se instalaram puderam, posteriormente, levar para os seus países e cidades o evangelho ali aprendido. A Academia tornou-se grandemente respeitada em toda a Europa; os graus concedidos aos seus alunos eram amplamente aceitos e valorizados em universidades de países protestantes como, por exemplo, a Holanda. O historiador católico Marc Venard comenta que a Academia "será daí em diante um viveiro de pastores para toda a Europa reformada."¹²⁴ O conceituado historiador católico contemporâneo Delumeau diz que Calvino fez de Genebra "a Roma do Protestantismo."¹²⁵ Concomitante a isso, Calvino insistiu junto aos conselhos municipais para que se melhorassem as próprias condições do ensino, bem como os recursos das escolas. Visto que o Estado estava empobrecido, apelou para doações e legados.¹²⁶ Sem dúvida, entre os reformadores, Calvino foi quem mais amplamente compreendeu a abrangência das implicações do Evangelho nas diversas facetas da vida humana,¹²⁷ entendendo que "o Evangelho não é uma doutrina de língua, senão de vida. Não pode assimilar-se somente por meio da razão e da memória, senão que chega a compreender-se de forma total quando ele possui toda a alma, e penetra no mais íntimo recesso do coração."¹²⁸ Por isso, ele exerceu poderosa influência sobre a Europa e os Estados Unidos. Schaff chega dizer que Calvino "de certo modo, pode ser considerado o pai da Nova Inglaterra e da República Americana."¹²⁹

Em 6 de fevereiro de 1564, Calvino, já muito enfermo, foi transportado para a igreja numa cadeira, pregando então com dificuldade o seu último sermão.¹³⁰ No dia de Páscoa, 2 de abril, foi levado pela última vez à igreja. Participou da Ceia, recebendo o sacramento das mãos de Beza e, mesmo com a voz trêmula, cantou junto com a congregação.¹³¹

Nas suas palavras de despedida aos ministros de Genebra em 28 de abril de 1564, na seqüência do que já mencionamos na introdução, ele acrescentou:

...Esquecia-me de um ponto: peço-lhes que não façam mudanças, nem inovem. As pessoas muitas vezes pedem novidade. Não que eu queira por minha própria causa, por ambição, a permanência do que estabeleci, e que o povo o conserve sem desejar algo melhor; mas porque as mudanças são perigosas, e às vezes nocivas...¹³²

Após sua morte (27-05-1564), Beza, que o acompanhou durante todo o tempo, escreveu:

Assim esta luz esplêndida da Reforma foi levada de nós com o pôr-do-sol. Durante aquela

noite, e no dia seguinte, houve grande lamentação por toda a cidade; para a República a tristeza da perda de um de seus cidadãos mais sábios; a Igreja lamentou a morte de seu pastor fiel; a Academia se entristeceu por se ver privada de um professor incomparável, e todos se afligiram pela perda daquele que foi, sob Deus, o pai e confortador de todos.¹³³

Em 1835, nas comemorações dos 300 anos da Reforma de Genebra, construiu-se um monumento em homenagem a Calvino, que, entre outras coisas, dizia: "Alquebrado no corpo, poderoso no espírito, vencedor pela fé, o Reformador da Igreja, o Pastor e Protetor de Genebra."¹³⁴

ANOTAÇÕES FINAIS

Calvino era de modo especial um intelectual; todavia não usava do púlpito ou de seus escritos para ostentar esse fato;¹³⁵ pelo contrário, é constante a sua preocupação com a simplicidade e em não tentar ultrapassar o que está revelado nas Escrituras, através de especulações pecaminosas. A Palavra é a "Escola do Espírito"; é através dela que Deus nos fala.¹³⁶ Portanto, Calvino insistia: "Que esta seja a nossa regra sacra: não procurar saber nada mais senão o que a Escritura nos ensina. Onde o Senhor fecha seus próprios lábios, que nós igualmente impeçamos nossas mentes de avançar sequer um passo a mais."¹³⁷ Proceder assim é "douta ignorância."¹³⁸ Isto porque, "é estulto e temerário de cousas desconhecidas mais profundamente indagar do que Deus nos permita saber."¹³⁹ O calvinismo, com sua ênfase na centralidade das Escrituras, é mais do que um sistema teológico; é sobretudo uma maneira teocêntrica de ver, interpretar e atuar na história.¹⁴⁰

O cristianismo — conforme entende o calvinista¹⁴¹ —, não é uma forma de acomodação à cultura, e sim de formação e de transformação através de uma mudança de perspectiva da realidade, que redundará necessariamente numa mudança nos cânones de comportamento, alterando sensivelmente as suas agendas e praxes. Todavia, neste estado de existência, nenhuma cultura é ou será perfeita; haverá sempre, em maior ou menor grau, o estigma do pecado. O calvinismo consiste numa busca constante de fidelidade a Deus; a transformação cultural é apenas um resultado daqueles que têm os olhos firmados na Palavra, um coração prazerosamente submisso a Deus e um comprometimento existencial no mundo, no qual vive e atua para a glória de Deus. Com estes princípios, o calvinismo influenciou as artes,¹⁴² a política,¹⁴³ a economia,¹⁴⁴ a literatura¹⁴⁵ e outros setores da cultura.¹⁴⁶ Schaff comenta que "o senso da soberania de Deus fortaleceu os seus seguidores contra a tirania de senhores temporais, e os fez os campeões e promotores de liberdade civil e política na França, Holanda, Inglaterra e Escócia."¹⁴⁷

Calvino contribuiu para forjar um tipo novo de homem: "o reformado,"¹⁴⁸ que vive no tempo, o seu tempo, para a glória de Deus! Portanto, "o verdadeiro discípulo de Calvino só tem um caminho a seguir: não obedecer ao próprio Calvino, mas àquele que era o mestre de Calvino."¹⁴⁹

* O autor é ministro presbiteriano, tem o grau de Mestre em Teologia e História pela Universidade Metodista de São Paulo (1999) e está cursando o programa de Doutorado em Ciências da Religião na mesma universidade. É professor de teologia, filosofia e metodologia da pesquisa no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, em São Paulo.

¹ Philip Schaff, *History of the Christian Church* (Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1996), Vol. VIII, 257.

² Ver Teodoro Beza, *Life of John Calvin: em Tracts and Treatises on the Reformation of the Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1958), Vol. I, cxxxi; J.T. McNeill, *The History and Character of Calvinism* (Nova York: Oxford University Press, 1954), 227.

³ *Calvin, Textes Choisis* par Charles Gagnebin (Paris: Egloff, 1948), 42-43. Há tradução em inglês, *Letters of John Calvin*, Selected from the Bonnet Edition (Edimburgo: Banner of Truth, 1980), 259-260. Ver também Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, 833-834.

⁴ Joseph E. Renan publicou em 1863, *A Vida de Jesus*. Seu livro teve grande influência nos meios católicos. Sua obra alcançou oito edições em apenas três meses e muitas outras durante a sua vida. Para ele, Jesus era um grande homem que percorreu a Palestina pregando a "doce teologia do amor." Ainda segundo Renan, no final da vida Jesus ficou obcecado pelo fervor revolucionário e por mania de perseguição.

⁵ Ernest Renan, *Études d'Histoire Religieuse*, 7ª ed. (Paris, 1880), 342. *Apud* Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, 279-280.

⁶ Cabe aqui uma nota de advertência: alguns dados referentes à juventude de Calvino são incertos, havendo disputa quanto a datas e lugares.

⁷ Cidade eminentemente religiosa, que distava cerca de 92 quilômetros de Paris com uma população de aproximadamente 12 mil pessoas.

⁸ A sua mãe teve 7 filhos, porém dois morreram prematuramente.

⁹ Ver Wilson de Castro Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia* (Campinas: Luz para o Caminho, 1985), 32-33; Vicente Temudo Lessa, *Calvino: 1509-1564: Sua Vida e Sua Obra*, 27-28; Timothy George, *Teologia dos Reformadores* (São Paulo: Vida Nova, 1994), 168-169. Havia quatro capelães em Noyon os quais se alternavam na recitação da missa matinal. Calvino sendo ainda muito jovem, não podendo portanto ser ordenado, pagava a um padre para cobrir a sua escala. (Ver Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 300; Vicente Temudo Lessa, *Calvino: 1509-1564: Sua Vida e Sua Obra*, 27; William Wileman, *John Calvin. His Life, His Teaching and Influence* (The Ages Digital Library, 1998), 11-12).

¹⁰ O comentário de Calvino sobre Sêneca publicado em abril de 1532 seria dedicado a Claude; na dedicatória, redigida em Paris (04/4/1532), reconhecendo a sua dívida para com a família de seu amigo, diz: "Nosso comentário que recomendo à sua guarda, receba-o como os primeiros frutos de nossa colheita, dedicado e inscrito por direito e mérito a você; não só porque eu devo a você tudo que sou e que tenho, pois desde bem cedo, ainda menino fui educado dentro da sua casa e iniciado nos mesmos estudos junto com você; eu estou endividado com a sua mui nobre família por meu primeiro aprendizado na vida e nas letras." (João Calvino, "Commentary on Seneca's de Clementia," *John Calvin Collection*, CD-ROM (Albany, OR: Ages Software, 1998), 8.

¹¹ Foi ali que Calvino se familiarizaria com a teologia de Aquino, Agostinho e Jerônimo, entre outros teólogos antigos. (Ver Wilson de Castro Ferreira, *Calvino: Vida,*

Influência e Teologia, 41).

¹² Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 302. Loyola contudo, ficaria pouco tempo no Colégio de Montaigu; em 01-11-1529 foi estudar filosofia no já tradicional Colégio de Santa Bárbara (fundado em 1460), dirigido pelo padre português Diogo de Gouveia, o Velho (nascido por volta de 1471), que se propusera, entre outras coisas, à formação de teólogos portugueses com bolsas fornecidas pela coroa portuguesa. (Ver Rómulo de Carvalho, *História do Ensino em Portugal* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1986]), 143-144, 170ss; 284).

¹³ Ver Wilson C. Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia*, 45.

¹⁴ Ver Vicente T. Lessa, *Calvino 1509-1564: Sua Vida e Obra*, 50.

¹⁵ Beza em sua reticência, deixa entender que ele recebeu, contudo na sua narrativa não fica claro esse ponto (Teodoro Beza, *Life of John Calvin: em Tracts and Treatises on the Reformation of the Church*, Vol. I, lxi; Teodoro Beza, "Life of John Calvin," *John Calvin Collection*, CD-ROM (Albany, OR: Ages Software, 1998), 5. Ver Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 306; Vicente T. Lessa, *Calvino 1509-1564: Sua Vida e Obra*, 51; Wilson C. Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia*, 45-46.

¹⁶ Emmanuel Le Roy Ladurie, *O Mendigo e o Professor: A Saga da Família Platter no Século XVI* (Rio de Janeiro: Rocco, 1999), Vol. 1, 325.

¹⁷ João Calvino, *O Livro de Salmos* (São Paulo: Paracletos, 1999), Vol. I, 37-38.

¹⁸ Ver Vicente T. Lessa, *Calvino: 1509-1564: Sua Vida e Sua Obra*, 63; Wilson C. Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia*, 64-65.

¹⁹ Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 310. Bem mais tarde, seu discípulo e sucessor, Teodoro Beza (1519-1605), escreveria: "Estes são os eventos principais na vida e morte de Calvino que eu mesmo testemunhei durante os últimos dezesseis anos. Eu penso que estou qualificado para declarar que nele foi exibido diante de todos os homens um dos mais belos e ilustres exemplos de vida piedosa e morte triunfante de um verdadeiro cristão; que será fácil pela malevolência caluniar, como será difícil devido a sua exaltada virtude imitar". [Teodoro Beza, "Life of John Calvin," *John Calvin Collection*, CD-ROM (Albany, OR: Ages Software, 1998), 65. Outra tradução: Teodoro Beza, *Life of John Calvin: em Tracts and Treatises on the Reformation of the Church*, Vol. I, cxxxviii. Ver Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, 272].

²⁰ Fala-se também de Lefèvre D'Étaples (1455-1536) e de seu discípulo Melchior Wolmar († 1561), professor de grego de Calvino. (Ver Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 305, 310; John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism*, 110,195; C.H. Irwin, *Juan Calvino: Su Vida y Su Obra* (Barcelona: CLIE., [1991], 22).

²¹ John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism*, 108-117; Vicente T. Lessa, *Calvino 1509-1564: Sua Vida e Obra*, 47; E.E. Cairns, *O Cristianismo Através dos séculos: Uma História da Igreja Cristã* (São Paulo: Vida Nova, 1984), 252; Philip Schaff, *The Creeds of Christendom*, 6ª ed. revista e aumentada (Grand Rapids: Baker, [1931]), Vol. I, 425ss.; André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990), 121; Alister McGrath, *The Intellectual Origins of the*

European Reformation, (Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1993), 54; Georgia Harkness, *John Calvin: The Man and His Ethics* (Nova York: Abingdon Press, 1958), *preface*, 6-7; Wilson C. Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia*, 50-51; Jorge P. Fisher, *Historia de la Reforma* (Barcelona: CLIE., [1984]), 196-198; William R. William, *Eras and Characters of History* (Nova York: Harper & Brothers, 1882), 207.

²² G. de Félice, *História dos Protestantes da França* (São Paulo: Typographia International, 1888), 51. (Provavelmente, a "Bíblia" mencionada por Félice seja a edição do Novo Testamento de 1534).

²³ Juan Calvino, *Respuesta al Cardeal Sadoletto*, 4ª ed. (Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1990), 63; João Calvino, *Tracts and Treatises on The Reformation of the Church*, Vol. I, 62.

²⁴ João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. I, 38. (Ver Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, 171-185 (especialmente).

²⁵ Ver João Calvino, *Respuesta al Cardeal Sadoletto*, 61-64.

²⁶ Olivétan estudou grego e hebraico com Bucer em Estrasburgo (1528). (Ver Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, 299).

²⁷ Ver J. Angus, *História, Doutrina e Interpretação da Bíblia*, 3ª ed. (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971), 126; Philip Schaff, *The Creeds of Christendom*, Vol. I, 424.

²⁸ Ver Ernesto Tron, *Historia de los Valdenses* (Colonia Valdense: Libreria Pastor Miguel Morel, 1952), 25; Robert. D. Linder, "Olivétan," em J.D. Douglas, ed. ger. *The New International Dictionary of the Christian Church*, 3ª ed. (Grand Rapids, 1979), 730; Vicente T. Lessa, *Calvino 1509-1564: Sua Vida e Obra*, 47; O.F. Fritzsche, "Bible Versions," em Philip Schaff, ed. *Religious Encyclopaedia: or Dictionary of Biblical, Historical, Doctrinal, and Practical Theology* (Revised Edition), (Chicago: Funk Wagnalls, 1887), Vol. I, 288.

²⁹ Ver Robert. D. Linder, "Olivétan," em J.D. Douglas, ed. ger. *The New International Dictionary of the Christian Church*, 730.

³⁰ Ver exemplos em Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento* (Lisboa: Editorial Estampa, 1984), Vol. I, 87.

³¹ Guillermo Fraile, *Historia de la Filosofia* (Madrid: La Editorial Catolica, 1966), Vol. III, 23. [Ver também, "Humanismo," em André Lalande, *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia* (São Paulo: Martins Fontes, 1993), 481 (sentido "C").

³² Ver Alister E. McGrath, *Reformation Thought: An Introduction*, 2ª ed. (Massachusetts: Blackwell Publishers, 1993), 28ss..

³³ Ver "Humanismo," em N. Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, 2ª ed. (São Paulo: Mestre Jou, 1982), 493; "Humanismo," em José Ferrater Mora, *Diccionario de Filosofia*, 5ª ed. (Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1965), Vol. I, 876.

- ³⁴ Ver "Humanismo," em José Ferrater Mora, *Diccionario de Filosofia*, Vol. I, 876.
- ³⁵ Alister McGrath, *The Intellectual Origins of The European Reformation*, 33.
- ³⁶ E. Cassirer, *A Filosofia do Iluminismo* (Campinas: Editora da UNICAMP., 1992), 193.
- ³⁷ Ver Jacob C. Burckhardt, *A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio* (São Paulo, Companhia das Letras, 1991), 142.
- ³⁸ Ver exemplos em Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Vol. I, 112ss.
- ³⁹ Émile Bréhier, *História da Filosofia* (São Paulo: Mestre Jou, 1977/1978), Tomo I/3. 206 e 208.
- ⁴⁰ Guillermo Fraile, *Historia de la Filosofia*, Vol. III, 12.
- ⁴¹ Devemos estar atentos ao fato de que devido à dificuldade da fabricação e compra de livros — no século XIII documenta-se a compra de um código de leis e uma coleção de leis canônicas pelo equivalente a 200 carneiros, que correspondia a 17 bois ou 50 porcos —, as "grandes bibliotecas" eram como a dos papas de Avinhão, na segunda metade do século XIV, constituída de 2 mil volumes; a do papa Nicolau V (1447-1455), que dispunha na sua biblioteca do Vaticano de 5 mil manuscritos; e a da Sorbone, que em meados do século XIV, contava com 1722 unidades; o que de fato era uma preciosidade, se considerarmos que no século X o catálogo da famosa biblioteca de um convento contava com 590 volumes. (Ver Antônio José Saraiva, *História da Cultura em Portugal* (Lisboa: Jornal do Fôro, 1950), Vol. I, 79ss.; Jacques Verger, *As Universidades na Idade Média* (São Paulo: Editora Unesp., 1990), 152-153; T.M. Lindsay, *La Reforma en su Contexto Histórico* (Barcelona: CLIE, [1985]), 64).
- ⁴² Ver Jacob C. Burckhardt, *A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio*, 150-152.
- ⁴³ *Ibid.*, 152.
- ⁴⁴ Ver *ibid.*, 154; Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Vol. I, 97. Foi assim que surgiu a primeira gramática hebraica, escrita por um cristão, Reuchlin (1455-1522), em 1506. Ver Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Vol. I, 97. Não devemos nos esquecer também, que é deste período a publicação da "Bíblia Poliglota Complutense" — recebendo este nome por ter sido impressa em Complutum, forma latina da atual Alcalá, Espanha, onde Ximenes fundou uma Universidade —, que continha o Antigo Testamento em 3 idiomas, formatado em três colunas paralelas: hebraico, latim (da vulgata) e grego (da LXX), tendo, também, uma tradução latina interlinear. Na parte inferior dá página, continha o Novo Testamento em grego e latim. Esta obra, sendo promovida pelo Cardeal Francisco Ximenes de Cisneros (1437-1517), foi iniciada em 1502 e concluída em 1517 (O NT estava concluído desde 1514), sendo constituída por seis volumes. Todavia, o papa Leão X só deu permissão para a sua circulação em 22-03-1520. Ao que parece, esta obra não chegou à Alemanha antes de 1522, e Lutero não se utilizou dela para a sua tradução do Novo Testamento (Ver mais detalhes em W.G. Kümmel, *Introdução ao Novo Testamento* (São Paulo: Paulinas, 1982), 713-714; Wilson Paroschi, *Crítica Textual do Novo Testamento* (São Paulo, Vida Nova, 1993), 107-108; E. Lohse,

Introdução ao Novo Testamento (São Leopoldo, RS: Sinodal, 1972), 261; Hipólito Escolar, *Historia del Libro*, 2ª ed. corrigida e ampliada (Salamanca/Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez/Pirâmide, 1988), 416ss.). Quanto à disposição das três colunas da obra: hebraico, latim e grego, "Cisneros dizia que adotara esta disposição para recordar o lugar que a Igreja romana ocupava entre a sinagoga e a Igreja grega: posição análoga à do Cristo entre os dois ladrões!" (Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Vol. I, 98).

⁴⁵ Ver Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Vol. I, 97.

⁴⁶ Jacob Burckhardt, *A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio*, 150-152.

⁴⁷ Ver Ruy A. da Costa Nunes, *História da Educação no Renascimento* (São Paulo: EPU/EDUSP, 1980), 31. Calvino no seu comentário de Sêneca, chama Cícero de "o primeiro pilar da filosofia e literatura romana."

⁴⁸ Ver Jacob Burckhardt, *A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio*, 159. É digno de nota que esta prática continuou, ainda que com algumas modificações (*Ibid.*, 159-160). Neste sentido, a fina ironia do humanista Erasmo de Roterdã (1466-1536) — o "Cícero" de seu tempo —, é mortífera. (Erasmo de Roterdã, *Elogio da Loucura* (Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [s.d]), 98-100).

⁴⁹ Ver Douglas C. McMurtrie, *O Livro: Impressão e Fabrico*, 2ª ed. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1982]), 150); Edson Nery da Fonseca, *Introdução à Biblioteconomia* (São Paulo: Pioneira, 1992) 47).

⁵⁰ Ver Jacques Verger, *As Universidades na Idade Média*, 58.

⁵¹ Ver Victor Strauss, et al., "Printing," em *Encyclopaedia Britannica*, (1973), Vol. 18, 542; H. Pirenne, *História Econômica e Social da Idade Média*, 6ª ed. (São Paulo: Mestre Jou, 1982), 18; António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, Vol. I, 73-74; D.C. McMurtrie, *O Livro: Impressão e Fabrico*, 349.

⁵² Ver António José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, Vol. I, 73ss.; W. Stanford Reid, *A Propagação do Calvinismo no Século XVI*: em W.S. Reid, ed., *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990), 38.

⁵³ Ruy A. da Costa Nunes, *História da Educação no Renascimento*, 21.

⁵⁴ Abbott P. Usher, *História das Invenções Mecânicas* (Lisboa: Edições Cosmos, 1973), Vol. 2, 45.

⁵⁵ Ver Hipólito Escolar, *Historia del Libro*, 366.

⁵⁶ Pedro.D. Nogare, *Humanismos e Anti-Humanismos*, 5ª ed. (Petrópolis: Vozes, 1979), 67.

⁵⁷ Francis Bacon, *Advancement of Learning*, em *Works*, org. J. Spedding et al. (1857-1874), III, 476-477. *Apud* H.R. Trevor-Roper, *Religião, Reforma e Transformação Social* (Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, [1981]), 153.

⁵⁸ Para Heráclito de Éfeso (c.540-c.480 AC), o Logos, a inteligência divina, é comum a todos os homens, mesmo que alguns vivam como se cada um tivesse um entendimento particular. O Logos governa o universo. (Ver Heráclito, *Fragmentos*, 1,16,32,64,67,72. em Gerd A. Bornheim, org., *Os Filósofos Pré-Socráticos*, 3ª ed. (São Paulo: Cultrix, 1977), 36ss). Para um estudo abrangente do pensamento de Heráclito, além da leitura obrigatória de seus fragmentos, consulte o indispensável Damião Berge, *O Logos Heraclítico: Introdução ao Estudo dos Fragmentos* (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969), 452 pp.

⁵⁹ Umberto Padovani, *Filosofia da Religião* (São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1968), 89.

⁶⁰ Esse ponto foi alvo de disputas entre os Pais da Igreja. Ver Hérmiás, o Filósofo, *Escárnio dos Filósofos Pagãos*, 1, em *Padres Apologistas* (São Paulo: Paulus, 1995), (*Patrística*, 2), 305,311; Taciano, *Discurso Contra os Gregos*, 1-2, em *Padres Apologistas* (São Paulo: Paulus, 1995), 66,80; Tertuliano, *Da Prescrição dos Hereges*, VII: em Alexander Roberts and James Donaldson, eds. *Ante-Nicene Fathers*, 2ª ed. (Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1995), Vol. III, 246; Agostinho, *A Cidade de Deus*, 2ª ed. (Petrópolis: Vozes, 1990), Vol. 1, VIII.1.

⁶¹ Nos séculos XIII e XIV encontramos o clímax do debate pró e contra o aristotelismo, tendo vencido a batalha S. Tomás de Aquino (1225-1274) — aquele que é considerado o “apogeu do pensamento escolástico” —, com a sua síntese do pensamento de Aristóteles (384-322 AC). O tomismo, tornou-se a interpretação padrão — ainda que não a única —, do pensamento de Aristóteles para a Igreja romana. Esta concepção passou a vigorar em geral nas universidades católicas. A sua influência deveu-se aos dominicanos e a consolidação do seu pensamento foi alcançada no século XVI através dos jesuítas e do Concílio de Trento (1545-1563), que formulou diversos de seus pronunciamentos amparados na interpretação de S. Tomás. Tanta é a devoção para com Aristóteles que, em uma obra medieval, *Vida de Aristóteles*, este é considerado como um precursor de Cristo. (Ver T.M. Lindsay, *La Reforma en su Contexto Histórico*, 70-71). No início do século XVI, Lutero (1483-1546) escrevendo uma carta a seu amigo João Lang, refere-se a Aristóteles como “esse palhaço que, com sua máscara grega, tanto enganou a Igreja.” (Carta de 08-02-1517, citada por Joachim Fischer na introdução do livro: *Martinho Lutero: Obras Seleccionadas* (São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1987), Vol. 1, 13). Ver. também: Carta de Lutero de 18-05-1517, *Apud Ibid*, 13-14; Martinho Lutero, *Debate sobre a Teologia Escolástica*: em *Martinho Lutero: Obras Seleccionadas*, Vol. 1, tese 44. p. 17; *Idem*, *O Debate de Heidelberg* (1518). em *Ibid.*, Vol. 1, tese 29, p. 39; *Ibid.*, tese 34, p. 39-40). No combate de Lutero aos ensinamentos de Aristóteles, vemos como este era predominante nas universidades mesmo no século XVI.

⁶² Ver Ruy A. da Costa Nunes, *História da Educação no Renascimento*, 21.

⁶³ Ver Jacob Burckhardt, *A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio*, 160. Concomitante a isso, as universidades ficam cada vez mais distantes do estudante de poucos recursos financeiros — os quais “havia sido o fermento das faculdades” — e, muitos dos professores passam cada vez mais a olhar com atenção os seus ganhos. (Ver Jacques Le Goff, *Os Intelectuais na Idade Média*, 3ª ed. (São Paulo: Brasiliense, 1993), 95ss., J. Verger, *As Universidades na Idade Média*, 142ss.). Contudo isto não pode ser generalizado visto que muitos professores continuavam ganhando pouquíssimo, tendo que completar a sua renda como professores particulares, copistas ou em alguma de suas

especialidades. (Ver J. Verger, *As Universidades na Idade Média*, 140ss).

⁶⁴ André Corvisier, *História Moderna*, 2ª ed. (São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980), 54. Ficino foi quem traduziu pela primeira vez Platão e Plotino, colocando-os em latim e parte da tradução em italiano. (Ver Ernst Bloch, *Entremundos en la Historia de la Filosofía* (Madrid: Taurus Ediciones, 1984), 154). Ele também foi responsável pelo reavivamento do interesse pelos escritos de Platão.

⁶⁵ A. Corvisier, *História Moderna*, 54.

⁶⁶ *Apud* Platão, *Teeteto*, 152a. Aristóteles diz: "O princípio (...) expresso por Protágoras, que afirmava ser o homem a medida de todas as coisas (...) outra coisa não é senão que aquilo que parece a cada um também o é certamente. Mas, se isto é verdade, conclui-se que a mesma coisa é e não é ao mesmo tempo e que é boa e má ao mesmo tempo, e, assim, desta maneira, reúne em si todos os opostos, porque amiúde uma coisa parece bela a uns e feia a outros, e deve valer como medida o que parece a cada um." (*Metafísica*, XI, 6. 1 062. Ver também, Platão, *Eutidemo*, 286).

⁶⁷ Ver René Descartes, *Discurso do Método*, 41.

⁶⁸ Ver Ruy A. da Costa Nunes, *História da Educação no Renascimento*, 27.

⁶⁹ Jacob Burckhardt, *A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio*, 163-164.

⁷⁰ Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Vol. I, 23.

⁷¹ *Ibid.*

⁷² Ver *ibid.*, Vol. II, 144-146.

⁷³ Ver Philip Schaff e David S. Schaff, *History of the Christian Church*, VI, 561.

⁷⁴ F.A. Schaeffer, *Manifesto Cristão* (Brasília: Refúgio Editora, 1985), 27.

⁷⁵ N. Berdiaeff, *Uma Nova Idade Média* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1936), 12-13.

⁷⁶ Segundo me parece, uma compreensão semelhante pode ser encontrada em Wright. (Ver R.K. McGregor Wright, *A Soberania Banida: Redenção para a Cultura Pós-Moderna* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998), 15).

⁷⁷ Não consideramos aqui o prefácio de Calvino ao trabalho de seu amigo Nicholas Duchemin, *Antapologia*, (6/3/1531)

⁷⁸ John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism*, 104.

⁷⁹ Jean Boisset, *História do Protestantismo* (São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971), 57.

⁸⁰ T.H.L. Parker, *Portrait of Calvin* (Londres: SCM Press, 1954), 19.

⁸¹ George a denomina de "obra-prima de erudição" (Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, 171).

⁸² John T. McNeill, *Los Forjadores del Cristianismo* (Buenos Aires: La Aurora/Casa Unida de Publicaciones, [1956]), Vol. II, 210.

⁸³ Ver Guillermo Fraile, *Historia de la Filosofía*, Vol. III, 62.

⁸⁴ João Calvino, *Calvin's Commentaries* (Grand Rapids: Baker, 1981), Vol. XXI, 234.

⁸⁵ Na dedicatória de 1ª Tessalonicenses, ele disse: "Eu me reconheço endividado para com você pelo progresso que foi feito desde então. E isto eu estava desejoso de testemunhar à posteridade que, se qualquer vantagem provirá a eles de meus escritos, eles saberão que tem em algum grau originado em você." (João Calvino, *Calvin's Commentaries*, Vol. XXI, 234).

⁸⁶ Cordier morreu em Genebra, em 8 de setembro de 1564. Ver Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, 170; Jorge P. Fisher, *Historia de la Reforma* (Barcelona: CLIE, [1984]), 195-196; C.H. Irwin, *Juan Calvino: Su Vida y Su Obra*, 16s; John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism*, 98,192; John T. McNeill, *Los Forjadores del Cristianismo*, Vol. II, 207; Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 301-302.

⁸⁷ Ver J.T. McNeill, *The History and Character of Calvinism*, 110,195; C.H. Irwin, *Juan Calvino: Su Vida y Su Obra*, 22; Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 305.

⁸⁸ João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios* (São Paulo: Paracletos, 1995), *Dedicatória*, 8.

⁸⁹ Carta ao Rei Francisco I de França, 3, em *As Institutas*, Vol. I.

⁹⁰ João Calvino, *As Institutas*, I.1.2..

⁹¹ Ver *As Institutas*, II.2.16-17,27; II.3.4. Esta doutrina, que nada mais é do que a compreensão de que o Espírito Santo exerce influência comum sobre os homens em geral, pode ser resumida em três pontos: 1) Uma atitude favorável da parte de Deus para com a humanidade em geral – eleitos e réprobos –, concedendo-lhes os bens necessários à sua existência: chuva, sol, água, alimento, vestuário, abrigo; 2) A restrição do pecado feita pelo Espírito Santo na vida dos indivíduos e na sociedade: "A obra da graça divina se vê em tudo que Deus faz para restringir a devastadora influência e desenvolvimento do pecado no mundo...." (L. Berkhof, *Teologia Sistemática* (Campinas: Luz para o Caminho, 1990), 436); 3) A possibilidade da aplicação da justiça civil por parte do não regenerado; aquilo que é certo nas atividades civis ou naturais. No entanto, deve ser dito que esta graça: a) Não remove a culpa do pecado; b) Não suspende a sentença de condenação; portanto, o homem continua sob o juízo de Deus. Deste modo, esta ação do Espírito deve ser distinta da sua operação efetiva no coração dos eleitos através da qual ele os regenera. [Ver L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, 433ss.; Charles Hodge, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1986), Vol. II, 654ss.; A.A. Hodge, *Comentario de La Confesion de Fe de Westminster* (Barcelona: CLIE., [1987]), Cap. X, 155-156; A.A. Hodge, *Esboços de Teologia* (Lisboa: Barata Sanches, 1895), Cap. XXVIII, 420-421; William G.T. Shedd, *Systematic Theology* (Nashville: Thomas Nelson, 1980), Vol. II,

483ss.; R.L. Dabney, *Lectures in Systematic Theology* (Grand Rapids: Baker, 1985), Cap. XLVIII, 583ss.; P.E. Hughes, "Graça," em Walter A. Elwell, ed., *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã* (São Paulo: Vida Nova, 1990), Vol. II, 216-217.

⁹² João Calvino, *As Pastorais* (São Paulo: Paracletos, 1998), (Tt 1.12), 318. Ver também: *As Institutas*, I.5.2; II.2.16. Fiel a esse princípio, na Academia de Genebra estudavam-se autores gregos e latinos, tais como: Heródoto, Xenofonte, Homero, Demóstenes, Plutarco, Platão, Cícero, Virgílio e Ovídio, entre outros. (Ver Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, 805).

⁹³ João Calvino, *As Institutas*, II.2.15. Ele acrescenta: "... Se o Senhor nos quis deste modo ajudados pela obra e ministério dos ímpios na física, na dialética, na matemática e nas demais áreas do saber, façamos uso destas, para que não soframos o justo castigo de nossa displicência, se negligenciarmos as dádivas de Deus nelas graciosamente oferecidas." (João Calvino, *As Institutas*, II.2.16). (Ver *As Institutas*, II.2.12-17).

⁹⁴ João Calvino, *Breve Tratado Sobre La Santa Cena*, em *Tratados Breves* (Buenos Aires/México: La Aurora/Casa Unida de Publicaciones, 1959), 46. [Vd. J.I. Packer, "Fundamentalism" and the Word of God (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 34].

⁹⁵ João Calvino, *As Institutas*, IV.1.12.

⁹⁶ João Calvino, *As Institutas*, IV.1.15. Em outro lugar Calvino diz: "Deus só é corretamente servido quando sua lei for obedecida. Não se deixa a cada um a liberdade de codificar um sistema de religião ao sabor de sua própria inclinação, senão que o padrão de piedade deve ser tomado da Palavra de Deus." [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. I, (Sl 1.1), 53].

⁹⁷ João Calvino, *As Institutas*, IV.2.5. Calvino entendia que "onde os homens amam a disputa, estejamos plenamente certos de que Deus não está reinando ali." [João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios* (São Paulo: Edições Paracletos, 1996), (1 Co 14.33), 436]. T. George comenta com acerto que "Calvino não estava disposto a comprometer pontos essenciais em favor de uma paz falsa, mas ele tentou chamar a igreja de volta à verdadeira base de sua unidade em Jesus Cristo." (T. George, *Teologia dos Reformadores*, 182-183).

⁹⁸ João Calvino, *Exposição de 1 Coríntios*, (1 Co 14.33), 437.

⁹⁹ Arcebispo de Canterbury que em 1549 havia elaborado o *Livro de Oração Comum*, no qual dava ênfase ao culto em inglês, à leitura da Palavra de Deus e ao aspecto congregacional da adoração cristã.

¹⁰⁰ Melancton, mesmo sendo luterano e amigo pessoal de Lutero, desfrutou também de boa amizade com Calvino, mantendo com este ampla correspondência. Nos dizeres de Schaff, Melancton "permaneceu como um homem de paz entre dois homens de guerra." (Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, 260). O seu principal trabalho teológico foi *Loci Communes* (abril de 1521). Este tratado foi a primeira obra de teologia sistemática protestante do período da Reforma, marcando época, portanto, na história da teologia. Nele Melancton segue a ordem da Epístola aos Romanos. (Ver Philip Schaff,

History of the Christian Church, Vol. VII, 368-370).

¹⁰¹ Bullinger foi amigo, discípulo e sucessor de Zuínglio (1484-1531), tendo escrito cerca de 150 obras, entre elas *A Segunda Confissão Helvética* (1562-1566).

¹⁰² Cranmer, na carta a Calvino diz: "Como nada mais tende a separar as Igrejas de Deus que as heresias e diferenças sobre as doutrinas de religião, assim nada mais eficazmente as une, e fortalece a obra de Cristo mais poderosamente, que a doutrina incorrupta do evangelho, e união em opiniões reconhecidas. Eu tenho freqüentemente desejado, e agora desejo que esses homens instruídos e piedosos que superam outros em erudição e julgamento, constituíssem uma assembleia em um lugar conveniente, onde se realizasse uma consulta mútua, e comparando as suas opiniões, eles poderiam discutir todas as principais doutrinas da igreja.... Nossos adversários estão agora organizando o seu concílio em Trento, no qual eles podem estabelecer os seus erros. E devemos nós negligenciar a convocação de um sínodo piedoso que nos possibilite refutar os erros deles, e purificar e propagar a verdadeira doutrina?" [Thomas Cranmer a Calvino, "Letter," *John Calvin Collection*, CD-ROM (Albany, OR: Ages Software, 1998), 16.

¹⁰³ Cranmer era um teólogo e estadista; a sua preocupação com Trento era pertinente e a história já demonstrou amplamente esse fato. Os jesuítas foram a força motriz do Concílio de Trento, sendo de fato os teólogos do Papa. Como os bispos geralmente não dispunham de grande conhecimento teológico, mesmo titulados em Direito Canônico, eles se valiam de teólogos – em geral pertencentes às ordens religiosas –, que os assessoravam, sendo alguns teólogos enviados diretamente pelo Papa. É nessa condição, de modo especial, que destacam-se os jesuítas, entre eles, Tiago Lainez, Cláudio [Afonso?] Salmeron – estes dois sugeridos por Loyola –, Claude Le Jay, Pedro Canísio e Oto von Truchsess, que passaram, alguns deles, a desempenhar no Concílio um "papel teológico de primeira linha." (Marc Venard, "O Concílio Lateranense V e o Tridentino," em Giuseppe Alberigo, org., *História dos Concílios Ecumênicos* (São Paulo: Paulus, 1995), 332). Ao longo de seus 18 anos de funcionamento, o Concílio reuniu-se por 50 meses, realizou 25 sessões, sendo algumas delas meramente formais. O Concílio de Trento pode ser dividido historicamente em três fases: 1) Sessões 1-10 (13-12-1545 a 02-06-1547, no pontificado de Paulo III (1534-1549). 2) Sessões 11-16 (01-05-1551 a 28-04-1552), no pontificado de Júlio III (1550-1555). 3) Sessões 17-25 (17-18-01-1562 a 04-12-1563), no pontificado de Pio IV (1559-1565). O Concílio deliberou mediante decretos de definições doutrinárias e de ordem disciplinar. Os primeiros consistiram na rejeição dos postulados protestantes, considerando o fato de que este concílio estava grandemente preocupado com a situação de expansão do protestantismo. Os sete sacramentos são confirmados à maneira medieval. A Escritura e a tradição são igualmente fontes de verdade. A Vulgata foi elevada à condição de igualdade com os originais hebraicos e gregos. Os jesuítas que foram fomentadores do Concílio de Trento saíram por toda parte levando tais resoluções, enfatizando sempre a supremacia papal, assunto que até então era muito disputado (se o papa ou o concílio tinha a palavra final). Sobre o serviço dos jesuítas, duas palavras de um regalista e de um tridentino: "Inspirando o Concílio de Trento: em toda a parte, em todos os tempos, de todo o modo, nunca foram os jesuítas outra coisa que uma representação fiel, tenaz, inteligente do espírito romano, o ultramontanismo em atividade." [Rui Barbosa, *Versão e Introdução de O Papa e o Concílio*, 3ª ed. (Rio de Janeiro, Elos, s.d.), Vol. I, 43].

¹⁰⁴ *Letters of John Calvin*, Selected from the Bonnet Edition, 132-133. Ver comentário

de Schaff (Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 799).

¹⁰⁵ Robert D. Knudsen, *O Calvinismo Como uma Força Cultural*, em W. Stanford Reid, ed., *Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental*, 13-14.

¹⁰⁶ *Ibid.*, 20. Ver também A. Biéler, *O Humanismo Social de Calvino* (São Paulo: Edições Oikoumene, 1970), 12-13.

¹⁰⁷ João Calvino, *As Institutas*, II.1.2.

¹⁰⁸ Ver André Biéler, *A Força Oculta dos Protestantes* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999), 47.

¹⁰⁹ João Calvino, *As Institutas*, I.2.1.

¹¹⁰ *Ibid.*, I.2.2.

¹¹¹ *Ibid.*

¹¹² *Ibid.*, I.12.1. Ver também *As Institutas*, I.5.9.

¹¹³ João Calvino, *Calvin's Commentaries* (Grand Rapids: Baker, 1981), Vol. XVII, (Jo 4.22), 159.

¹¹⁴ *Ibid.*, 160-161.

¹¹⁵ João Calvino, *As Institutas*, I.2.2.

¹¹⁶ *Ibid.*, I.5.9.

¹¹⁷ *Ibid.*, III.2.8.

¹¹⁸ Ver H. Henry, *La Iglesia e El Estado* (Michigan: T.E.L.L., s.d.), Cap. VI e VII, 63-91; Alister E. McGrath, *The Intellectual Origins of the European Reformation*, 55ss.; Anthony Hoekema, *Criados à Imagem de Deus* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999), 55-62 (especialmente). Sobre a relação entre o renascimento e os puritanos, ver Leland Ryken, *Santos no Mundo* (São José dos Campos, SP: FIEL, 1992), 175-177 (especialmente).

¹¹⁹ Ver João Calvino, *As Institutas*, I.2.2.

¹²⁰ João Calvino, *As Pastorais*, (1 Tm 3.1), 82. Schaff usa esta expressão referindo-se à Academia de Genebra, um "berçário de pregadores evangélicos" (Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 820).

¹²¹ Data da sessão solene de inauguração, presidida por Calvino na Catedral de Saint Pierre (A. Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, 192; Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 805; *Calvin*, Textes Choisis par Charles Gagnebin, 302). Na ocasião estavam presentes todo o Conselho e os ministros. Calvino rogou a bênção de Deus sobre a Academia, a qual estava sendo dedicada à ciência e religião. Michael Roset, o secretário de Estado, leu a Confissão de Fé e os estatutos que regeriam

a instituição. Beza foi proclamado reitor, ministrando uma aula inaugural em latim. A reunião foi encerrada com uma oração por Calvino. (Ver Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 805). John Knox (1515-1572), que estudou na Academia, escreveria mais tarde a uma amiga (1556), dizendo ser a Igreja de Genebra “a mais perfeita escola de Cristo que jamais houve na terra desde os dias dos Apóstolos.” (John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism*, 178; Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 263; Philip Schaff, *The Creeds of Christendom*, Vol. I, 460; Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, 167). Schaff observa que havia uma faculdade em Genebra, desde 1428 chamada “Faculdade Versonnex”, que se destinava à preparação de clérigos; no entanto ela havia entrado em decadência, sendo reorganizada por Calvino em 1541. A instrução era gratuita. Ainda segundo Schaff, Calvino incentivou a educação fundando diversas escolas estrategicamente distribuídas na cidade. As taxas eram baixas até que foram abolidas (1571), conforme pedido de Beza. “Calvino às vezes é chamado o fundador do sistema de escola pública”. Calvino desejava criar uma grande universidade, contudo os recursos da República eram pequenos para isso, assim ele se limitou à Academia. Contudo até para criar a Academia ele teve de pedir de casa em casa donativos, conseguindo arrecadar a soma respeitável de 10,024 guilders de ouro. Também, diversos estrangeiros que ali residiam contribuindo generosamente, havendo também um genebrino, Bonivard, o velho que doou toda a sua fortuna à instituição. (Ver Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 804-805).

¹²² Ver Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 805. Em 1564 a Academia contaria com 1200 alunos nos cursos superiores e 300 nos inferiores. (Ver Wilson C. Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia*, 196; A. Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, 192).

¹²³ Genebra chegou a abrigar mais de 6 mil refugiados vindos da França, Itália, Inglaterra, Espanha e Holanda. (Ver Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 802; Ricardo Cerni, *Historia del Protestantismo*, 2ª ed. corrigida (Edimburgo: El Estandarte de la Verdad, 1995), 63), aumentando este número com os estudantes que para lá se dirigiram com a fundação da Academia de Genebra (1559). Lembremo-nos que a população de Genebra era de 9 a 13 mil habitantes [9 mil segundo Reid (W.S. Reid, *A Propagação do Calvinismo no Século XVI*: em W. Stanford Reid, ed., *Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental*, 52; 12 mil conforme McNeill (J.T. McNeill, *Los Forjadores del Cristianismo*, Vol. II, 211); 13 mil de acordo com Nichols (Robert H. Nichols, *História da Igreja Cristã* (São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1978), 164]. Schaff apresenta dados mais específicos relativos a cada período: cerca de 12 mil habitantes no início do século XVI, aumentando para mais de 13 mil em 1543, tendo um surto de crescimento de 1543 a 1550, quando a população saltou para 20 mil (Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 802. Ver também Tomas M. Lindsay, *La Reforma y su Desarrollo Social* (Barcelona, CLIE, [1986]), 117). Afora isso, Calvino exerceu poderosa influência através da palavra falada e escrita; a sua *Instituição* — contrariamente à *De Clementia* — tornara-se um sucesso editorial desde o seu lançamento em 1536. Wendel nos diz que a primeira edição da *Instituição* esgotou-se em menos de um ano (François Wendel, *Calvin* (Nova York: Harper & Row, 1963), 113; Justo L. Gonzalez, *A Era dos Reformadores*, 111). (Ver também, Timothy George, *Teologia dos Reformadores*, 177-178). Ladurie, analisando a saga da família Platter, diz que o ponto mais alto da tipografia de Platter-Lasius — que publicou a primeira edição da *Instituição* em latim (1536) —, foi com a obra de Calvino, a qual “projetara Thomas”. (Ver Emmanuel Le Roy Ladurie, *O Mendigo e o Professor: A Saga da Família Platter no Século XVI*, Vol. 1, 152, 153, 166).

¹²⁴ Marc Venard, O Concílio Lateranense V e o Tridentino, em Giuseppe Alberigo, org.,

História dos Concílios Ecumênicos, 339.

¹²⁵ Jean Delumeau, *A Civilização do Renascimento*, Vol. I, 128-129. Expressão já usada por Schaff. Ver *The Creeds of Christendom*, Vol. I, 445. É curioso que mesmo Calvino tendo uma alma francesa, ele jamais deixaria a igreja de Genebra; quando foi convidado a pastorear a Primeira Igreja Protestante de Paris, não aceitou. (Ver Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, 807).

¹²⁶ Calvino pessoalmente chegou a sair pedindo donativos de casa em casa para a escola. Ver André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, 192-193; Philip Schaff, *History of the Christian Church*, VIII, 804-805. Ver também L. Luzuriaga, *História da Educação e da Pedagogia*, 17ª ed. (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987), 108-116; Ruy A.C. Nunes, *História da Educação no Renascimento*, 97-102; T.R. Giles, *História da Educação*, (São Paulo: EPU, 1987).119-128; Wilson C. Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia*, 193,196.

¹²⁷ Ver André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, 28; Wilson C. Ferreira, *Calvino: Vida, Influência e Teologia*, 188-189.

¹²⁸ João Calvino, *Golden Booklet of the True Christian Life*, 6ª ed. (Grand Rapids: Baker, 1977), 17.

¹²⁹ Philip Schaff, *The Creeds of Christendom*, Vol. I, 445.

¹³⁰ Dois dias depois, 08-02-1564, escreveria a médicos de Montpellier agradecendo os remédios e a gentil atenção. Nesta carta ele descreve suas enfermidades: artrite, pedras nos rins, hemorróides (que o impediam de cavalgar), febre, nefrite, indigestão, cólicas, úlceras, emissão de sangue por via urinária... (Ver João Calvino, *To the Physicians of Montpellier*, "Letters," *John Calvin Collection*, CD-ROM (Albany, OR: Ages Software, 1998) nº 665).

¹³¹ Teodoro Beza, "Life of John Calvin," *John Calvin Collection*, CD-ROM (Albany, OR: Ages Software, 1998), 50 e 52. Ver também Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, 820-821.

¹³² Em *Calvin*, *Textes Choisis* par Charles Gagnebin, 43. (Na tradução em inglês, *Letters of John Calvin*, 260).

¹³³ Teodoro Beza, *Life of John Calvin*: em *Tracts and Treatises on the Reformation of the Church*, cxxxiv e, em outra tradução: Teodoro Beza, *Life of John Calvin*, 63, em *John Calvin Collection* (The AGES Digital Library, 1998). Ver J.T. McNeill, *The History and Character of Calvinism*, 227.

¹³⁴ Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, 825.

¹³⁵ Ver João Calvino, *As Pastorais*, (2 Tm 3.16), 263; *Idem.*, *O Livro dos Salmos*, Vol. I, 48.

¹³⁶ "A Escritura é a escola do Espírito Santo, na qual, como nada é omitido não só necessário, mas também proveitoso de conhecer-se, assim também nada é ensinado

senão o que convenha saber. " (João Calvino, *As Institutas*, III.21.3).

¹³⁷ João Calvino, *Exposição de Romanos* (São Paulo: Paracletos, 1997), (Rm 9.14), 330.

¹³⁸ João Calvino, *As Institutas*, III.23.8.

¹³⁹ *Ibid.*, III.25.6. (Ver também *As Institutas*, I.5.9; III.21.4; III.23.8; III.25.11; João Calvino, *Exposição de Hebreus* (São Paulo: Paracletos, 1997), (Hb 7.3,8), 177-178, 183)

¹⁴⁰ Do mesmo modo, diz J.D. Douglas: "O calvinismo era mais do que um credo; era uma filosofia compreensiva que abrangia toda a vida". (J.D. Douglas, *A Contribuição do Calvinismo na Escócia*: em W. Stanford Reid, ed., *Calvino e sua Influência no Mundo Ocidental*, 290).

¹⁴¹ Ver H. Richard Niebuhr, *Cristo e Cultura* (São Paulo: Paz e Terra, 1967), 223ss.

¹⁴² Ver John H. Leith, *A Tradição Reformada: Uma Maneira de ser a Comunidade Cristã* (São Paulo: Pendão Real, 1997), 322-327

¹⁴³ Ver *ibid.*, 337-344; Quentin Skinner, *As Fundações do Pensamento Moderno* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996), 465ss; H.H. Meeter, *La Iglesia y El Estado*, 93ss. "O Estado [segundo Calvino] não é, pois, um mal necessário, mas um instrumento da providência divina" (André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, 369).

¹⁴⁴ Ver John H. Leith, *A Tradição Reformada: Uma Maneira de ser a Comunidade Cristã*, 344-346; André Biéler, *O Pensamento Econômico e Social de Calvino*, *passim*.

¹⁴⁵ John H. Leith, *A Tradição Reformada: Uma Maneira de ser a Comunidade Cristã*, 328-330.

¹⁴⁶ Ver W. Stanford Reid, ed. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*, *passim*.

¹⁴⁷ Philip Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. VIII, 562. Ver também André Biéler, *A Força Oculta dos Protestantes*, *passim*.

¹⁴⁸ Ver Émile G. Léonard, *Histoire Générale du Protestantisme* (Paris: La Réformation, 1961), Vol. I, 307.

¹⁴⁹ Karl Barth, em introdução à obra, *Calvin*, Textes Choisis par Charles Gagnebin, 11.